

Os livros de cavalarias renascentistas nas histórias da literatura portuguesa¹

Aurelio Vargas Díaz-Toledo

Universidad Complutense de Madrid /
Centro de Estudios Cervantinos

O sucesso dos livros de cavalarias portugueses ao longo do século XVI e inícios do XVII é um dado mais que evidente². Da publicação em 1522 da *Crónica do Imperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem* (Lisboa, Germão Galharde), do historiador João de Barros, até à reedição da *Terceira e Quarta parte da Crónica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes cavallerias de seu filho o príncipe dom Duardos Segundo* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1604), de Diogo Fernandes, este género conta em terras portuguesas cerca de vinte e cinco edições, cifra nada desdenhável do ponto de vista da recepção, que se vê incrementada pelas dezenas de manuscritos cavaleirescos conhecidos na actualidade, os quais deixam supor uma persistência do gosto por este tipo de literatura até bem entrado o século XVII, ou ainda princípios do XVIII.

Contudo, estes copiosos números não serviram para atrair a atenção dos investigadores a um campo que, junto com os livros de pastores e os livros de viagens, está na base da novelística portuguesa moderna. Esse descuido da crítica tem acarretado um dado verdadeiramente desolador, como é o de uma grande quantidade de textos deste género não ter sobrevivido até aos nossos dias. Vejamos de seguida, a grandes rasgos, tal panorama. Não conhecemos a mais que provável primeira edição da obra-mestra de Francisco de Moraes, a *Cronica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim Dinglaterra*, que deve ter sido impressa em terras portuguesas – ou francesas por volta do ano 1543-44 –, e cuja primeira edição conservada é a de Évora, André de Burgos, 1564-67; do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (Coimbra, João de Barreira, 1567),

1 Este trabalho contou com uma Bolsa da *Biblioteca Nacional de Lisboa-Fundação Calouste Gulbenkian para Investigadores de Países Europeus-2004*, em especial oriundos do *Leste da Europa*, para realizar o projecto «Livros de cavalarias manuscritos: recuperação de um património bibliográfico», sob o programa *BibProj2004, Programa de Bolsas de Investigação*. Gostaríamos de mostrar o nosso agradecimento não só a Isabel Almeida pela revisão da redacção em português, mas também a Luís Farinha Franco pelas diversas recomendações oferecidas ao longo desta investigação.

2 Um panorama global da difusão e importância do género cavaleiresco pode-se observar nos dois apêndices situados no final deste estudo.

de Jorge Ferreira de Vasconcelos, dado a conhecer em formato *in quarto*, sabe-se que existiu impressa uma primitiva versão ampliada em formato *in folio*, intitulada com o sugestivo nome de *Livro primeyro da primeyra parte dos Triunfos de Sagramor Rey de Inglaterra e França, em que se tratam os maravilhosos feitos dos cavaleiros da Segunda Tavola Redonda* (Coimbra, João Álvarez, 1554). Mais sorte tivemos com as duas primeiras edições do *Clarimundo* (Lisboa, Germão Galharde, 1522) e (Lisboa, António Álvarez, 1555), de cada uma das quais se conhece um único exemplar: da primeira, na Biblioteca Nacional de Madrid (R-11.727); da segunda, na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa.

Quanto aos livros de cavalaria na sua difusão manuscrita, os dados seguintes falam por si: extraviaram-se as *Aventuras do Gigante Dominiscaldo*, de Álvaro da Silveira; a *Crónica do Espantoso e nunca vencido Dracuso, Cavaleiro da Luz*, de Francisco de Moraes Sardenha; um de título desconhecido, de Fernão Lopes de Castanheda; e o *Clarindo de Grecia*, de Tristão Gomes de Castro. Deste último autor, madeirense, até há pouco também entrava neste grupo a sua *Argonáutica da cavalaria* ou *Leomundo de Grécia*, que foi descoberto no ano passado, depois de intensas pesquisas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa³. Também nada sabemos de duas anónimas vidas de imperadores, cujos nomes, Alberto e Siderico, parecem assinalar a sua procedência ficcional. Mas aqui não acaba tudo. Este desdém também trouxe consigo o desconhecimento quase absoluto da biografia de alguns autores desta classe de obras. Por exemplo, de Diogo Fernandes só sabemos o que se diz no pé do frontispício da Terceira e Quarta partes do *Palmeirim*, ou seja, que era oriundo da cidade de Lisboa. O mesmo acontece com Baltasar Gonçalves Lobato, que escreveu a *Quinta e Sexta parte de Palmeirim de Inglaterra mais Chronica do famoso príncipe Dom Clarisol de Bretanha, filho do príncipe dom Duardos de Bretanha* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602), e cujos dados biográficos se resumem a uma linha: «natural da cidade de Tavira».

Em conjunto, toda esta situação se traduz ainda no desprestígio social e literário que pesou sobre este género durante boa parte do século XVI, devido sobretudo às críticas de eclesiásticos e humanistas. Estes viam nos livros de cavalaria uma fonte de perversões morais onde os jovens – em particular as mulheres –, podiam beber e adquirir uma desenfreada fantasia que os afastaria tanto das suas verdadeiras obrigações como da sua devoção religiosa. Sem dúvida, esta suposta influência, perniciosa e daninha, foi um dos motivos pelos quais a maior parte da crítica posterior renunciou a estudar esses textos, tidos por nocivos à moral pública, atitude que, por outro lado, se reflectiu na visão dada pelos manuais da literatura. Neste sentido, ao longo das próximas páginas pretendemos realizar um percurso histórico através de um conjunto considerável, embora não exaustivo, de histórias da literatura portuguesa, com o fim de observar não só o deficiente tratamento consagrado a estas narrativas, senão também as causas pelas quais foram preteridas⁴, já que consideramos que todas elas contribuíram de alguma maneira para marcar os estudos filológicos dos séculos XIX e XX.

Deixando de parte a literatura cavaleiresca de corte medieval, ou seja, a *Demanda do Santo Graal*, o *Livro de Josep ab Arimathia*, mais os fragmentos do *Livro de Merlim* e do *Livro de Tristam*, e esque-

3 Para mais notícias sobre esta descoberta podem-se consultar os nossos últimos trabalhos: «*Leomundo de Grecia*: hallazgo de un nuevo libro de caballerías portugués», *Voz y Letra*, XV/2, 2004, 1-32, assim como «Notícia de un nuevo libro de caballerías: el *Leomundo de Grecia*, de Tristão Gomes de Castro», *TIRANT* (revista electrónica), nº 6 (2003) (<http://parnaseo.uv.es/Tirant.htm>).

4 Uma relação bibliográfica do conjunto aqui tratado pode-se observar no final deste artigo.

cendo a debatida questão da origem portuguesa do *Amadis de Gaula*, de cujo estudo se ocuparam em maior medida, os livros de cavalarias renascentistas foram um dos géneros mais desdenhados nos manuais de teoria literária portuguesa⁵. Procuremos, pois, conhecer as chaves desta aziaga realidade.

Além dos contributos estrangeiros, vindos da mão de autores tão prestigiosos como Bouterwek, Denis ou Wolf, que são os autênticos pioneiros na exploração deste terreno, a primeira análise global relativamente interessante é a de Teófilo Braga, que de 1870 até 1914, em sucessivas reedições da sua história literária, publica, matiza e amplia as suas opiniões sobre a matéria cavaleiresca. No primeiro momento⁶ só considera dois textos originalmente escritos em português: o *Clarimundo* e o *Palmeirim de Inglaterra*, este último atribuindo-o a Francisco de Moraes numa época (finais do século XIX) em que existia um aceso debate sobre a sua genuína paternidade, chegando a declarar num tom de sentido nacionalismo as palavras seguintes:

Os bibliógrafos Salvá e D. Pascual de Gayangos, tendo descoberto a edição castelhana de Toledo de 1547, com o usual critério simplista desse imperialismo ibérico que sempre sonha a sua expansão sobre Portugal, pretenderam a prioridade ou originalidade dessas traduções sobre o texto português⁷.

Seguindo esta veia patriótica aventura-se ainda a declarar que «a novella de *Tirante o Branco* [sic], segundo a tradição, foi originariamente em portuguez»⁸. Fora de conjecturas e após uns anos, depois de agregar a este corpus o *Memorial* de Ferreira de Vasconcelos e as continuções do *Palmeirim*, e apesar de realçar um facto tão relevante como o de que «as novellas de cavalleria foram immensamente apreciadas na côrte de Dom João III»⁹, Teófilo não deixa por isso de menosprezar um grupo literário copioso e de grande importância no desenvolvimento da prosa quinhentista. A sua opinião sobre o *Clarimundo* não deixa lugar a dúvidas: «é hoje quasi illegível, porque, além da ficção ser arbitraria e desconnexa, o auctor desprende-a do interesse das allusões contemporaneas»¹⁰. Com respeito à obra de Moraes e dos seus diversos continuadores também não resulta muito benévolo:

Apesar de Cervantes perdoar ao *Palmeirim de Inglaterra*, no auto de fé feito ás Novellas de cavalleria pelo Cura, e elogiar as aventuras do castello de Miraguarda, a novella é extremamente diffusa, de uma exagerada amplificação rhetorica, como consecuencia de um genero mal comprehendido e extemporaneo. Todos estes defeitos se agravaram nas continuções da Novella por Diogo Fernandes, [...] e por Baltazar Gonçalves Lobato¹¹.

Quanto ao *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, o seu juízo continua a senda crítica das duas anteriores: «O estylo de Jorge Ferreira na Novella é inferior ao das suas tres comedias; falta-lhe esse elemento popular das locuções e dos Anexins, que o torna bem digno de ser estudado»¹².

5 Vid. neste sentido a interessante análise do Dr. Jorge Alves OSÓRIO, «Um género menosprezado: a narrativa de cavalaria do século XVI», *Máthesis*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2001, nº 10 (2001), 9-34: «Efectivamente, a narrativa em prosa de assunto cavaleiresco produzida no século XVI não atraiu, pelo menos até tempos bastante recentes, uma atenção particular por parte dos estudiosos. Confrontados com a criação literária em verso, em si muito mais atraente e interessante, em que se reconhece a manifestação de uma mais significativa criatividade e de uma expressividade elocutiva poética, os romances quinhentistas de cavalaria raras vezes estimularam o interesse do leitor de hoje [...]». Também é verdade que essa falta de interesse está fomentada pela dificuldade de acceder a edições modernas destes livros.

6 Teófilo BRAGA, *História da literatura portuguesa*, Porto, Imp. Portugueza, 1870, 297.

7 Teófilo BRAGA, *História da litteratura portugueza*, Porto, Chardron de Lello, 1909-1914, 218-219. A cursiva é nossa.

8 Teófilo BRAGA, *História*, 1870, 297.

9 Teófilo BRAGA, *Manual da história da litteratura portugueza desde as suas origens até ao presente*, Porto, Magalhães & Moniz, 1875, 336.

10 Teófilo BRAGA, *Manual*, 334.

11 Teófilo BRAGA, *Manual*, 334.

12 Teófilo BRAGA, *Manual*, 334.

Deste modo, na aproximação aos livros de cavalarias, apreciados sob a epígrafe geral de «Novelas e contos», ficam fixados alguns pontos que marcarão o rumo de trabalhos posteriores: estabelece-se o corpus do género na sua transmissão impressa; menospreza-se o género por conter um alto grau de fantasia e imaginação; vincula-se a sua criação e desenvolvimento ao âmbito cortesão; e julgam-se as obras cavaleirescas de autores consagrados, como é o caso de João de Barros, num segundo plano dentro da sua própria produção literária, até ao ponto de tomar o *Clarimundo* como uma tarefa de juventude e, por conseguinte, imperfeita, de menor qualidade e à margem dos seus grandes livros historiográficos. Isto mesmo acontece com o *Memorial* de Vasconcelos, que, segundo este critério, nem está à altura das suas excelentes comédias nem é digno de ser estudado.

Com a passagem de século, uma vez aclarada definitivamente a autoria do *Palmeirim de Inglaterra* a favor de Francisco de Moraes, com dissertações tão fundamentais como as de Odorico Mendes¹³, Carolina Michaëlis de Vasconcelos¹⁴ ou William E. Purser¹⁵, pouco a pouco os livros de cavalarias começam a achar o seu lugar e a adquirir certo relevo nos manuais de história da literatura. Para isso contribui em grande medida o extraordinário labor de Fidelino de Figueiredo, que completa as diversas lacunas que Teófilo Braga tinha deixado a respeito da relevância – ou não – da narrativa cavaleiresca portuguesa. Neste sentido, embora as suas conclusões não sejam nem exactas nem concludentes, o antigo director da Biblioteca Nacional de Lisboa oferece um corpus muito mais definitivo com a exumação dos textos cavaleirescos manuscritos conservados na dita instituição. Deste modo, amplia a já referida listagem de impressos com a inclusão de um considerável conjunto de códices inéditos: a *Chronica do imperador Beliandro*, de Leonor Coutinho; o *Libro trecero de la Segunda parte de la Selva de cavalarias famozas*, redigido em castelhano por António de Brito da Fonseca; e uma série de continuações palmerinianas atribuídas ficticiamente ao historiador Gomes Eannes de Zurara, formada pela *Vida de Primaleão*, a *Segunda Parte da Crónica do Príncipe dom Duardos* e a *Terceira Parte da Crónica do Príncipe dom Duardos*. Como desaparecidos figuram o *Lesmundo [sic] de Grecia*, de Tristão Gomes de Castro, o *Dominiscaldo*, de um tal Álvaro da Silveira, e dois livros de cavalarias de Gonçalo Coutinho intitulados *Historia de Palmeirim de Inglaterra e de D. Duardos*. Para Figueiredo,

Estes códices, cujos meritos litterarios são muito escassos, pois como imitações apenas repetem os defeitos do genero, enredada acção e monotona linguagem sem brilho, envolvem um problema importante para a historia da novellistica portuguesa, o de apurar se têm alguma ligação logica com as partes publicadas em Portugal depois de Moraes, ou se, sendo inteiramente autonomos, constituem uma derivação do ciclo. Inclinamo-nos a crer que eles são autonomos e testemunham o gosto dilecto, que no século XVII ainda reinava, destas cavallarias¹⁶.

Para lá do valor literário que possam ter tais manuscritos, o contributo essencial deste investigador consiste na revalorização do *Palmeirim de Inglaterra* como romance ponte entre a prosa medieval e o posterior desenvolvimento da narrativa moderna e contemporânea:

¹³ Manuel Odorico MENDES, *Opúsculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor, no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez*, Lisboa, 1860.

¹⁴ Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, *Versuch über den Ritterroman Palmeirim de Inglaterra*, Halle, Druck von E. Karras, 1883.

¹⁵ William Edward PURSER, *Palmerin of England. Some remarks on this Romance and on the controversy concerning its authorship*, Dublin, Browne and Nolan, Limited, 1904.

¹⁶ Fidelino de FIGUEIREDO, *História da Literatura Clássica, 2ª época: 1580-1756*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, Bibliotheca de Estudos Históricos Nacionaes, 1922, 269.

É bom recordar este estadió do genero para se reconhecer o grande percurso de progresso andado para chegar a Balzac, Flaubert, Zola ou Dickens e para sabermos as razões historicas e estheticas que relegaram o actual romance de aventuras para o subalternissimo lugar que se lhe abandona. Todavia, o *Palmeirim de Inglaterra* já accusa algum progresso na evolução do genero. [...] A imaginação mais fecunda ensancha a narrativa com episodios sempre variados, não se limitando á parte concreta e objectiva, mas demorando-se na pintura das physionomias e dos trajos e na descrição dos sentimentos. [...] Na sua linguagem ha não só fluencia, mas elegancia e até subtileza, sobretudo nos dialogos entre cavalleiros, onde não será imprudente descobrir algumas agudezas prenuncias do gosto gongorico. Mas o mérito fundamental será sempre o da exuberante imaginação, em que a varif[er]dade dos episodios, a concorrencia de personagens, a largueza do campo de acção, os petrechos litterarios da epocha, a topographia fatidica, a geographia phantastica e a chronologia fabulosa se déram as mãos para produzir esse trama enredado, que alguns auctores não hesitaram em comparar a Homero e que antes merecera a Cervantes o bem conhecido elogio¹⁷.

Com este mesmo propósito, além de assinalar as múltiplas traduções de que é objecto durante o século XVI – para o espanhol, o francês, o italiano e o inglês –, não só inclui um amplo resumo do romance de Moraes, mas também o insere na órbita do denominado ciclo dos palmeirins castelhanos, cujo conjunto é composto pelo *Palmerín de Olivia* (Salamanca, 22 de Dezembro de 1511), o *Primaleón* (Salamanca, Juan de Porras, 3 de Julho de 1512) e o *Platir* (Valladolid, Nicolás Tierri, 1533). Em relação ao *Clarimundo*, Figueiredo não hesita em notar que «respira a atmosfera de ufanía heróica das navegações e conquistas, que há de conduzir à epopéia nacional»¹⁸, e que ajuda a essa «glorificação pátria» que será a base de *Os Lusíadas* de Camões. Em suma, estas investigações mostram um novo rumo encaminhado para o conhecimento global da prosa renascentista, uma nova orientação que tardará a dar os seus frutos, muitas décadas depois.

O resto das histórias da literatura dos anos vinte e trinta quase não acrescenta novos detalhes às premissas anteriores. José Agostinho perfilha as velhas teses de Braga e, sob a etiqueta de «Romancistas», torna a arremeter contra Francisco de Moraes porque «é pouco natural e pouco disciplinado de imaginação. A fantasia, menos rica do que extravagante, proporcionou-lhe lances inverosímeis e dá-lhe uma linguagem empolada e às vezes obscura»¹⁹. No pólo oposto encontra-se o inglês Aubrey F. Bell, que, além de destacar o valor que os portugueses outorgavam a estes livros pelo facto de serem um reflexo das suas próprias façanhas no Oriente, também crê que o *Palmeirim* «conservará sempre um lugar de destaque na literatura portuguesa como modelo de prosa, suavemente musical e contudo clara e vigorosa»²⁰. No que concerne ao estilo do *Memorial*, Agostinho entende que «tem grandes tons de perfeição, principalmente nas descrições, muito coloridas e vivas»²¹, opinião de que se distancia Albino Forjaz de Sampaio, para quem,

Jorge Ferreira de Vasconcelos deve a sua notoriedade não ao *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda*, que dedicou ao rei D. Sebastião, mas ao seu teatro, às comédias que o alçapremaram ao lugar que ocupa com tóda justiça. Se não fóssem estas êle ficaria ignorado, cultor de um género ingrato a que êle não soubera dar relêvo. [...] Não é um bom livro êste, maçador, emmaranhado e de que se salvam algumas páginas apenas. De bom tem [...] o consagrado nome que assina a *Eufrosina*, *Ulissipo* e *Aulegrafia*, três obras bôas que bem resgatam o ter escrito um livro mau²².

17 Fidelino de FIGUEIREDO, *História da Literatura Clássica, 2ª época: 1502-1580*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, Bibliotheca de Estudos Históricos Nacionaes, 1917, 229-230.

18 Fidelino de FIGUEIREDO, *História literária de Portugal: (séculos XII-XX)*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 19602, 143.

19 José AGOSTINHO, *História da literatura portuguesa*, Porto, A. Figueirinhas, 1927, 157-158.

20 Aubrey FITZGERALD BELL, *A literatura portuguesa: história e crítica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, 308. (1ª ed. *Portuguese Literature*, Oxford, Clarendon Press, 1922.)

21 Aubrey FITZGERALD BELL, *A literatura portuguesa* 1927, 158.

22 Albino Forjaz de SAMPAIO, *História da literatura portuguesa ilustrada*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1929, 4 vols. Vol. III, 109-110.

É já por volta da década de sessenta que se torna a abordar o tema com uma certa extensão, embora sem aproveitar em nenhum caso as pesquisas bibliográficas realizadas por Massaud Moisés²³ durante os anos cinquenta, graças às quais este estudioso achou um número ingente de manuscritos cavaleirescos conservados nas bibliotecas públicas de Portugal, reordenando assim a lista oferecida por Figueiredo anos atrás. Contamos, neste período, com os manuais de Feliciano Ramos²⁴, Joaquim Ferreira²⁵ e António José Barreiros²⁶, onde se percebe imediatamente que a narrativa de cavalarias ocupa um espaço igual ou maior do que a novela de pastores e a sentimental. No primeiro e mais meritório, ainda sob o rótulo genérico de «Novelas e contos», misturam-se numa sucessão sem ordem concreta tanto Barros, Moraes e Vasconcelos como Bernardim Ribeiro, Jorge de Montemor ou Fernão Álvares do Oriente, ressaltando acima de todos o *Palmeirim de Inglaterra*, porque Feliciano Ramos faz de Francisco de Moraes um autêntico homem de seu tempo, capaz de insuflar vida às suas personagens através da dialéctica e da descrição de costumes cortesãos:

Os episódios sucedem-se com facilidade, revelando um novelista rico de faculdades imaginativas. A mitologia da literatura deste género, com o seu maravilhoso habitual, acontecimentos fabulosos e inexplicáveis, feiticeiras e gigantes, depara-se através de todo o romance. [...] Nos costumes, nos trajes, nos diálogos, nas reacções das almas, apercebe-se por vezes o homem do século XVI, e acha-se que o novelista entra em contacto com a vida²⁷.

O *Memorial* continua sendo desvalorizado porque, segundo o mesmo Ramos, «é obra confusa e indigesta, completamente desinteressada mesmo para um leitor paciente e de boa vontade. Torna-se difícil encontrar-lhe méritos literários»²⁸.

Sobre o tema em questão, uma das últimas aproximações de interesse é a boa história da literatura de António José Saraiva e Óscar Lopes, onde, com a bucólica, se relaciona a ficção cavaleiresca, inserindo-a na época renascentista e maneirista. Nela se destaca o *Palmeirim*, não pelo seu conteúdo, cheio de tópicos e lugares-comuns repetidos até à saciedade, mas sim pelo seu estilo e descrição de costumes cortesãos, que não contribuem, em todo o caso, para dar um toque mais dinâmico à narração:

O seu interesse literário não nos parece extraordinário, contudo. Trata-se de um emaranhado de aventuras de Palmeirim e outros cavaleiros, tão compridas como as do Texas Jack ou dos velhos filmes em 24 partes e tão extraordinárias como as do Super-Homem na banda desenhada: combates e lutas com gigantes, feiticeiros, selvagens, dragões; prisões e libertações; passagens de pontes e outros passos desfeitos; traições castigadas; equívocos e reconhecimentos; duelos, torneios, sortes de magia. O herói vence todos estes obstáculos e é recompensado no final. [...] Uma construção sintáctica correcta, tanto na narração como no diálogo cortês [...], construção que arruma e jerarquiza em frases participiais e gerundivas, como que perfiladas, as circunstâncias secundárias que se embrecham nas orações; a cortesia requintada dos diálogos; a animação da narrativa dos combates, a descrição pormenorizada e por vezes pitoresca de brasões, roupas e festins – eis as principais contribuições do *Palmeirim de Inglaterra* para a prosa literária portuguesa. Mas a toada de encarecimento (sobretudo mediante frases subordinadas consecutivas) torna a leitura do livro demasiadamente monótona para um leitor de hoje²⁹.

23 Massaud MOISÉS, «A novela de cavalaria no Quinhentismo Português», São Paulo, *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, nº 218, 1957; e «A novela de cavalaria portuguesa (Acheva bibliográfica)», São Paulo, *Revista de História*, vol. XIV, ano VII, nº 29 (Janeiro-Março 1957), 47-52.

24 Feliciano RAMOS, *História da literatura portuguesa desde o século XII aos meados do século XX* (4ª ed. refundida e ampliada), Braga, Livraria Cruz, 1960, 345.

25 Joaquim Francisco FERREIRA, *História da literatura portuguesa*, Porto, Domingos Barreira [D. L. 1964], 425-440.

26 António José BARREIROS, *História da literatura portuguesa* (2ª ed. refundida), Braga, Pax [distrib.], [D.L. 1966], 573-580.

27 Feliciano RAMOS, *História*, 345.

28 Feliciano RAMOS, *História*, 348.

29 António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História da literatura portuguesa* (13ª edição), Porto, Porto Editora, s.d. [1992], 408.

O *Memorial* de Vasconcelos é analisado ao mesmo tempo que as suas comédias em prosa, sem existir uma separação nítida entre a sua produção cavaleiresca e o seu labor dramático, sobressaindo aquele não pelo seu valor literário mas antes porque «oferece muitas páginas de história inspiradas na realidade contemporânea do autor»³⁰, ou seja, a relação do torneio de Xabregas através do qual o infante D. João é armado cavaleiro, o que converte este volume num manual de educação de príncipes. Sobre as continuações impressas do *Palmeirim*, ambos os ensaístas tornam a repetir alguns dos tópicos aplicados na avaliação destes livros:

O estilo empola-se com latinismos lexicais, num tom constantemente sentencioso, e em narrações lentas e prolixas. Abundam as poesias pastorais e as divisas conceituosas em verso nos escudos dos cavaleiros. O género estava literariamente exausto. Chegara o tempo da caricatura, do *D. Quixote*. No entanto, resta o espólio de mais algumas novelas de cavalaria mais ou menos alegóricas e doutrinantes, em textos manuscritos portugueses que não chegaram a imprimir-se³¹.

Dos estudos posteriores, que não são propriamente histórias da literatura, dois deles merecem uma atenção especial nestas páginas. Em primeiro lugar, sobressai a *História do romance português* de Gaspar Simões (o mais influente crítico saído da revista coimbrã *Presença*), que oferece o primeiro estudo monográfico sobre a evolução diacrónica do género novelesco em terras lusas, estudo no qual se inclui um capítulo exclusivamente dedicado à matéria cavaleiresca renascentista. Os valores deste excelente manual radicam em tomar o *Clarimundo* como o primeiro «romance de indiscutível paternidade portuguesa», isto é, com a obra de Barros publicada em 1522 surge «já em pleno Renascimento, [...] em Portugal e em português legítimo uma obra novelística francamente nossa. [...] Legitimamente, o primeiro romance português é, de facto, a *Crónica do Imperador Clarimundo*»³². Também as suas palavras sobre o *Palmeirim*, onde Moraes reflecte através das suas personagens rasgos da sua própria personalidade individual, são palpavelmente elogiosas:

Estamos, pois, diante de uma fábula romanesca inspirada no clássico modelo dos romances de cavalarias, mas em que algo de novo desponta. O romancista ousa insuflar sentimentos pessoais nas personagens que anima e na fábula que concebe. Embora sem ousar trair as normas convencionais do género, incute-lhe calor, faz dele, por vezes, espelho de situações e sentimentos vívidos. Eis o caminho que trilhara em Itália o famoso Boccaccio ao escrever a sua *Fiametta* quase dois séculos antes. Na Península, Francisco de Moraes, é, talvez, dos primeiros a seguir-lhe os passos³³.

No que toca ao *Memorial*, às continuações do *Palmeirim* e aos manuscritos cavaleirescos, Gaspar Simões não oferece nada de novo, dando a entender que todos eles representam um retrocesso.

O outro manual que sobressai é o de Ettore Finazzi-Agrò, que analisa o processo evolutivo do género novelesco limitando-se apenas ao século XVI. Trata-se, não obstante, de um pequeno volume de boa divulgação de 126 páginas, metade das quais está dedicada por completo à análise da narrativa cavaleiresca, o que indica a supremacia atribuída a este género face aos outros dois também tratados, isto é, o pastoril e o conto. A tese fundamental do italiano baseia-se em situar a decadência dos livros de cavalarias ao longo da segunda metade do século XVI, concretamente a partir da publicação do *Memorial* de Vasconcelos, onde se perde não só o carácter apologético nacional do *Clarimundo*, senão também a caracterização do ambiente cortesão sob um manto cavaleiresco. Esse ocaso revela «o ponto final da degradação do ideal cavaleiresco, de matriz

30 António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História*, 410.

31 António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História*, 409.

32 João Gaspar SIMÕES, *História do romance português*, Lisboa, Estúdios Cor, 1967, vol. I, 40.

33 João Gaspar SIMÕES, *História do romance*, vol. I, 50.

medieval, em Portugal»³⁴, em clara oposição ao mundo moderno. Contudo, este livro alcança maior relevância quando nos aproximamos de duas histórias da literatura publicadas há relativamente pouco tempo, a *História crítica da Literatura Portuguesa* dirigida por Carlos Reis³⁵, a qual segue o modelo que Francisco Rico aplicou ao âmbito castelhano, e a *Historia de la Literatura Portuguesa*, elaborada pelos autores Apolinário e Gavilanes Laso³⁶. Na primeira transcrevem-se directamente vários extractos da obra de Finazzi-Agrò, ao passo que na última os responsáveis pelo capítulo dedicado à «Novela caballeresca» (Gavilanes Laso e Carrasco González), partem dos pressupostos ditados pelo italiano, a quem tomam como *auctoritas*, discrepando apenas num único aspecto: a data do declínio dos livros de cavalarias. Para eles,

«[...] el género caballeresco en Portugal, debido precisamente a sus características peculiares, no sufrió directamente la decadencia general que tuvo en toda Europa al entrar en la segunda mitad del siglo, ni tampoco los ataques de una intelectualidad humanista (impensable ante el favor que las más altas dignidades políticas dispensaban al género), de manera que la ruptura en su trayectoria obedece a otras causas muy diferentes. [...] Además, son muy numerosas las obras que se escriben en la segunda mitad del siglo, mucho más que las de la primera mitad, lo que nos obliga a admitir que, si bien se produce la referida ruptura en su trayectoria, el género no entra en decadencia»³⁷.

Por outro lado, resulta desolador que nestes manuais se acolham teorias com mais de duas décadas de vida e que neles não se haja tido em conta os sucessivos estudos realizados nos últimos anos, no domínio universitário, em forma de teses de mestrado, de dissertações de doutoramento e ainda de teses de doutoramento. Referimo-nos às análises de Maria Helena Duarte Santos³⁸, Maria Leonor Ramos Riscado³⁹, Rosário Santana Paixão⁴⁰ – todas elas centradas no *Clarimundo* –, Isabel Almeida⁴¹ – a única a tratar com rigor crítico o género impresso na sua totalidade –, ou Cláudia Ferreira de Sousa Pereira⁴² – dedicada ao *Memorial* –. Na verdade, não deixa de ser curioso o facto de a esta geração de mulheres (a que haveria de somar o nome de Margarida Alpalhão⁴³) se estar a dever a recuperação de um género esquecido que no Renascimento foi devorado, sobretudo, pelo público feminino.

34 Ettore FINAZZI-AGRÒ, *A novelística portuguesa do século XVI* (Biblioteca Breve, nº 23, Instituto de Cultura Portuguesa), Lisboa, Ministério de Educação e Cultura/ Secretaria de Estado de Cultura, 1978, 64.

35 José Augusto Cardoso BERNARDES, «Humanismo e Renascimento», em *História crítica da Literatura Portuguesa* (dir. Carlos Reis), Lisboa, Editorial Verbo, 1999, vol. II, 249-256.

36 Juan M. CARRASCO GONZÁLEZ e José Luis GAVILANES LASO, «Humanismo y Renacimiento. 2. La narrativa», em *Historia de la literatura portuguesa* (eds. José Luis Gavilanes Laso e A. Apolinário), Madrid, Cátedra, Crítica y estudios literarios, 2000, 121-132; 197-241.

37 Juan M. CARRASCO GONZÁLEZ e José Luis GAVILANES LASO, «Humanismo y Renacimiento...», 204-205.

38 Maria Helena Duarte SANTOS, *O mito do herói na "Crónica do Imperador Clarimundo de João de Barros"*, (Tese de mestrado de Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1987).

39 Maria Leonor Crespo Ramos RISCADO, *A linguagem poética da crónica do Imperador Clarimundo. Texto policopiado da tradição à inovação ou "o discurso da conciliação"* (Tese de mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988).

40 Rosário Santana PAIXÃO, *Aventura e identidade. História fingida das origens e fundação de Portugal: «Crónica do Imperador Clarimundo», um livro de cavalarias do quinhentismo peninsular*, Lisboa, Universidade Nova, 1996 (Tese de doutoramento em literatura portuguesa).

41 Isabel Adelaide Penha Dinis de LIMA E ALMEIDA, *Livros portugueses de cavalarias, do renascimento ao manierismo*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998 (Tese de doutoramento).

42 Cláudia Maria Ferreira de Sousa PEREIRA, *Um exemplário amoroso para D. Sebastião, o «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, Évora, Universidade de Évora, 2000, (Dissertação de doutoramento em literatura portuguesa).

43 Margarida Santos Alpalhão está a preparar na actualidade a sua tese de doutoramento sobre o *Palmeirim de Inglaterra*.

Ainda mais frustrante é que em vários dos manuais de literatura publicados já no século XXI⁴⁴ nem sequer se faça uma sucinta menção aos livros de cavalarias renascentistas, sem dar importância a todo um grupo literário que mereceu durante séculos a predileção tanto de criadores como de leitores.

Como vemos, não há um critério único. Para uns o *Palmeirim* é um livro de extraordinária beleza, cheio de imaginação e susceptível de configurar grandes personagens literárias. Outros, contudo, encarregam-se de desdenhá-lo por verem nas suas páginas um alto grau de fantasia com infundáveis aventuras desconexas e sem sentido. Quanto a Barros e a Vasconcelos, todos parecem estar de acordo em considerar respectivamente o *Clarimundo* e o *Memorial* de ínfima qualidade face ao resto da sua produção literária. Do historiador, às vezes é possível ouvir alguma voz a seu favor graças à mistura de ficção e história de que faz gala, enquanto que, no que diz respeito ao comediógrafo, a maioria dos autores é unânime em julgar a sua obra como um passo atrás no desenvolvimento da narrativa cavaleiresca. Sobre as continuções do *Palmeirim* e o conjunto de livros de cavalarias manuscritos, dá a sensação de que quase ninguém as leu.

Desta maneira, está claro que quando recorremos às histórias da literatura o que procuramos são respostas, e estes manuais, cuja finalidade deveria ser o conhecimento dos textos literários, não nos ajudam muito a achá-las: pelo contrário, incitam os leitores a não abordar o estudo dos livros de cavalarias por considerá-los inferiores em relação a géneros literários como a épica e o teatro, onde autores como Camões ou Gil Vicente se distinguiram, levando a cultura portuguesa além das suas próprias fronteiras. Assim, depois de ter analisado um grupo considerável destas ferramentas de consulta, a intenção última do presente trabalho foi chamar a atenção da crítica para o género dos livros de cavalarias, que, como pudemos ver ao longo destas páginas, continua a ser menosprezado e desconhecido não só pelo público em geral, senão também pelos próprios estudiosos da literatura. Não se poderá alcançar um autêntico conhecimento global da ficção romanesca renascentista até que não se esclareça o verdadeiro lugar que ocupa este grupo literário, o primeiro a aparecer em terras portuguesas e o que mais sucesso suscitou no público do século XVI. Além disso, ajudará a compreender as relações culturais e literárias havidas na Península Ibérica, assim como também entre esta e os outros países do continente europeu, tais como a França e a Itália.

⁴⁴ Vid. a *Breve história da literatura portuguesa*, Cacém, Texto Editora, 2002, 2 vols.; e Amélia Pinto PAIS, *História da Literatura em Portugal. Uma perspectiva didáctica*, Areal Editores, 2004, 3 vols.

1. MANUAIS DE HISTÓRIA LITERÁRIA

1816. John DUNLOP, *The History of Fiction*, Edinburgh, 1816, 3 vols. (Reeditado em Londres, 1896, 2 vols.)
1823. Frederick BOUTERWEK, *History of Spanish and Portuguese literature*, London, Boosey and Sons, 1823, 2 vols.
1826. Ferdinand DENIS, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, Paris, Lecointe et Durey, 1826.
1837. José da FONSECA, *Prosas selectas ou Escolha dos Melhores Logares dos Auctores Portuguezes antigos e modernos*, Paris, Offi. Typ. de Casimir., 1837.
1838. José da FONSECA, *Prosas selectas ou escolba dos melhores logares dos autores portuguezes antigos e modernos*, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1838.
1845. Francisco FREIRE DE CARVALHO, *Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal, desde a sua mais remota origem até o presente tempo, seguido de diferentes opusculos, que servem para sua maior illustração, e offerecido aos amadores da litteratura portugueza em todas as nações*, Lisboa, Typographia Rollandiana, 1845.
1851. John DUNLOP, *Geschichte der Prosa-dichtungen oder Geschichte der Romane, Novellen, Märchen*, Berlin, Berlag von G. M. F. Müller, 1851, 146-177.
- 1851-56. Pascual de GAYANGOS e Enrique de VEDIA, *Historia de la literatura española*, Madrid, 1851-56, 4 vols. (Tradução da *History of Spanish Literature* de Ticknor, vol I, 228-266.)
1851. José Maria de COSTA E SILVA, *Ensaio bibliographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, III, Lisbonne, Na Imprensa Silviana, 1851.
1859. Ferdinand WOLF, *Studien zur Geschichte der Spanischen und Portugiesischen Nationalliteratur*, Berlin, Asher, 1859, 502-515.
- 1864-72. George TICKNOR, *Histoire de la Littérature espagnole*, Paris, A. Durand, 1864-72, I, 203-233.
1870. Teófilo BRAGA, *História da literatura portuguesa*, Porto, Imp. Portugueza, 1870, 287-301.
1875. Teófilo BRAGA, *Manual da história da litteratura portugueza desde as suas origens até ao presente*, Porto, Magalhães & Moniz, 1875, 180-184; 333-339.
- 1875-1876. José Maria de ANDRADE FERREIRA e Camilo CASTELO BRANCO, *Curso de literatura portugueza*, Lisboa, Mattos Moreira, 1875-1876, 2 vols.
1884. A. J. DAMASCENO NUNES, *Traços geraes da história da litteratura portugueza*, Lisboa, Lallemand Frères, 1884.
1885. Teófilo BRAGA, *Curso de história da literatura portugueza*, Lisboa, Nova Liv. Internacional Editora, 1885, 241-243.
1898. J. Simões DIAS, *Historia da litteratura portugueza*, Lisboa, Typ. de Francisco Luiz Gonçalves, 1898.
1898. Mendes dos REMÉDIOS, *Introdução à história da literatura portuguesa* (2ª ed.), Coimbra, F. França Amado, 1898.
1904. Karl von REINHARDSTOETTNER, *Portugiesische Literaturgeschichte*, Leipzig, G. J. Göschen'sche Verlags-handlung, 1904.
- 1905-1915. Marcelino MENÉNDEZ Y PELAYO, *Orígenes de la novela*, vol. I, 266-466; vol. II, 185-346; vol. III, 136-52.
- 1909-1914. Teófilo BRAGA, *História da literatura portugueza*, Porto, Chardron de Lello, 1909-1914, 214-223.
1913. Fidelino de FIGUEIREDO, *A crítica litteraria como Sciência*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1913, Biblioteca de estudos históricos nacionaes, 3.
1914. Aubrey FITZGERALD BELL, *Studies in Portuguese Literature*, Oxford, B. H. Blackwell, 1914.
1914. Teófilo BRAGA, *Renascença*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1914, 287-297.
1916. Fidelino de FIGUEIREDO, *Historia da critica litteraria em Portugal: da renascença à actualidade* (2ª ed. rev. e seguida de apêndices documentários), Lisboa, Clássica Editora, 1916.
1917. Fidelino de FIGUEIREDO, *Antologia geral da literatura portuguesa: 1189-1900*, Lisboa, Livr. Clássica de A. M. Teixeira, 1917.
1917. Fidelino de FIGUEIREDO, *História da Literatura Clássica, 2ª época: 1502-1580*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, Bibliotheca de Estudos Históricos Nacionaes, 1917, 218-233.
1918. Fidelino de FIGUEIREDO, *História da literatura portuguesa. Manual escolar*, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1918.
1921. James FITZMAURICE-KELLY, *Littérature espagnole*, Paris, Librairie Armand Colin, 1921, 216-221.
1922. Augusto KRUSS ALFLALO, *Compêndio de história da literatura portuguesa*, Lisboa, Liv. Académica, 1922, 77-78.
1922. Aubrey Fitzgerald BELL, *Portuguese Literature*, Oxford, Clarendon Press, 1922.
1922. Fidelino de FIGUEIREDO, *História da Literatura Clássica, 2ª época: 1580-1756*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, Bibliotheca de Estudos Históricos Nacionaes, 1922, 263-285.
1927. José AGOSTINHO, *História da literatura portuguesa*, Porto, A. Figueirinhas, 1927, 157-158.
1929. Albino FORJAZ DE SAMPAIO, *História da literatura portuguesa ilustrada*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1929, 4 vols. Vol. III, 10-15; 107-112.
1930. Fidelino de FIGUEIREDO, *História da Literatura Clássica, 2ª época: 1502-1580* (2ª ed.), Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1930, 191-204.
1930. Mendes dos REMÉDIOS, *História da literatura portuguesa*, 6ª ed., Coimbra, Atlântida Liv. Edit., 1930, 196-198.

1931. Aubrey FITZGERALD BELL, *A literatura portuguesa: história e crítica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, trad. do inglês, 1931 (1ª ed. em 1922: *Portuguese Literature*, Oxford, Clarendon Press), 306-309.
1931. Guy de OLIVEIRA, *Sinopse actualizada da história da literatura portuguesa*, Lisboa, Liv. Pacheco, 1931.
1935. Agostinho FORTES, *História da literatura portuguesa*, Lisboa, Liv. Popular Francisco Franco, 1935.
1936. Agostinho FORTES e Albino FORJAZ DE SAMPAIO, *História da literatura portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1936, 178-182; 207-209.
1942. Hernani CIDADE, *Lições de cultura e literatura portuguesa (séculos XV, XVI e XVII)* (2ª ed.), Coimbra, 1942.
1947. Martín de RIQUER, *Resumen de literatura portuguesa*, Barcelona, Editorial Seix Barral, 1947.
1949. Álvaro Júlio da COSTA PIMPÃO, *História da Literatura Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949.
1951. Fidelino de FIGUEIREDO, *Estudos de literatura*, São Paulo, Editora Clássico-Científica, 1951.
1952. Arlindo RIBEIRO DA CUNHA, *A língua e a literatura portuguesa: história e crítica*, Braga, A. R. Cunha, 1952, 264-281.
1953. Giuseppe Carlo ROSSI, *Storia della Letteratura Portoguese*, Firenze, G. C. Sansoni, 1953.
1960. Fidelino de FIGUEIREDO, *História literária de Portugal: (séculos XII-XX)*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1960², 141-151; 252-253.
1960. Virgínia MOTA; Augusto REIS GÓIS; Irondino TEIXEIRA DE AGUILAR, *Manual de história da literatura portuguesa*, Lisboa, Francisco Franco, [D. L. 1960].
1960. Feliciano RAMOS, *História da literatura portuguesa desde o século XII aos meados do século XX* (4ª ed. refundida e ampliada), Braga, Livraria Cruz, 1960, 339-351.
1961. António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História da literatura portuguesa* (3ª edição), Porto, Porto Editora, D.L., 1961.
1964. Joaquim Francisco FERREIRA, *História da literatura portuguesa*, Porto, Domingos Barreira, [D. L. 1964], 425-440.
1966. António José BARREIROS, *História da literatura portuguesa* (2ª ed. refundida), Braga, Pax [distrib.], [D.L. 1966], 573-580.
1966. António José SARAIVA, *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1966, vol. I.
1966. António José SARAIVA, *Literaturas portuguesa, brasileira e galega*, Lisboa, Estúdios Cor, [imp. 1966].
1968. José Joaquim de MATOS ORFÃO, *História da literatura portuguesa*, Porto, Adolfo Machado, [D. L. 1968].
1971. Roger M. WALKER, *Portuguese Studies: literature, 1500-1700*, London, The Modern Humanities Research Association, 1971.
- 1976-1977. Martín de RIQUER e José María VALVERDE, *Historia de la Literatura Universal*, Barcelona, Planeta, 1976-1977, vols. 1 e 2.
1985. João PALMA-FERREIRA, *Literatura portuguesa: história e crítica*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
1987. Jacinto do PRADO COELHO (dir.), *Dicionário de literatura* (3ª edição), Porto, Figueirinhas, 1987, 4 vols.
1992. Maria Leonor CARVALHÃO BUESCU, *Literatura Portuguesa Clássica*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992.
1992. António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História da literatura portuguesa* (13ª edição), Porto, Porto Editora, s.d., 1992, 405-434.
1994. Maria Leonor CARVALHÃO BUESCU, *História da literatura* (2ª ed. revista), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
1994. Hugo KUNOFF, *Portuguese literature from its origins to 1990: a bibliography based on the collections of Indiana University*, Metuchen, N. J., The Scarecrow Press, 1994.
1996. António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História da literatura portuguesa*, Porto Editora (17ª edição), Porto, 1996, 273-291; 381-407.
1999. Ángel MARCOS e Pedro SERRA, *Historia de la literatura portuguesa*, Salamanca, Luso-Española de Ediciones, 1999.
1999. José Augusto CARDOSO BERNARDES, «Humanismo e Renascentismo», em Carlos REIS (dir.): *História crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1999, vol. II, 249-256.
2000. Juan M. CARRASCO GONZÁLEZ e José Luis GAVILANES LASO, «Humanismo y Renacimiento. 2. La narrativa», em José Luis GAVILANES LASO e A. APOLINÁRIO (eds.), *Historia de la literatura portuguesa*, Madrid, Cátedra, Crítica y estudios literarios, 2000, 121-132; 197-241.
2001. Maria Helena DUARTE SANTOS, «A novelística cavaleiresca», em *História da Literatura Portuguesa, 2: Renascimento e Maneirismo*. Lisboa, Alfa, 2001, 475-504.
2002. *Breve história da literatura portuguesa*, Cacém, Texto Editora, 2002, 2 vols.
2002. Jacinto do PRADO COELHO (dir.), *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística literária*, 2002.
2004. Amélia Pinto PAIS, *História da Literatura em Portugal. Uma perspectiva didáctica*, Areal Editores, 2004, 3 vols. Vol. 1: *Época Medieval e Clássica*.

1. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA COMPLEMENTAR

- ALMEIDA, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e, *Livros portugueses de cavalarias, do renascimento ao manierismo*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998.
- ASENSIO, Eugenio, «El *Palmeirim de Inglaterra*. Conjeturas y certezas», *García de Orta*, Revista da Junta de Investigações do Ultramar, nº especial comemorativo da publicação de *Os Lusíadas*, Lisboa, 1972, 127-133 (reproduzido em E. A., *Estudios Portugueses*, Paris, 1974, 445-453).
- BOGNOLO, Anna, *La finzione rinnovata. Meraviglioso, corte e avventura nel romanzo cavalleresco del primo Cinquecento spagnolo*, 1998.
- BRAGA, Teófilo, «Reivindicação do *Palmeirim de Inglaterra*», em *Questões de literatura e arte portuguesa*, Lisboa, A. J. P. Lopes, 1881, 248-58.
- *As gavetas da Torre do Tombo*, I (gavs. I-ID), Lisboa, Centro de Estudos históricos ultramarinos (pref. de António de Silva Rego), 1960, 744-747.
- DÍAZ DE BENJUMEA, Nicolás, *Discurso sobre el Palmerín de Inglaterra y su verdadero autor*, Lisboa, 1876.
- EISENBERG, Daniel, *Castilian romances of chivalry in the sixteenth century: A bibliography* (Research Bibliographies and Checklists, 23), London, España, Grant & Cutler Ltd., 1979.
- *Romances of chivalry in the Spanish Golden Age*, Newark, Delaware, Juan de la Cuesta (Hispanic Monographs), 1982.
- e Mari Carmen Marín Pina, *Bibliografía de los libros de caballerías castellanos*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2000.
- FERREIRA, João Palma, *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.
- *Novelistas e contistas portugueses do século XVI*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, 115-132.
- *Temas de Literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, 9-135.
- (ed.), *Crónica do Imperador Maximiliano* (Cód. 490, Col. Pombalina da Biblioteca Nacional), Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.
- «Narrativa de ficção em Portugal do século XVI ao Barroco», em *Temas de Literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, 73-135.
- FERREIRA, Jerusa Pires, *A paisagem fictícia e a paisagem verdadeira em uma novela de cavalaria do século XVI: o Palmeirim de Inglaterra*, 1966, 39f. datilogr.
- *O tapete preceptivo do «Palmeirim de Inglaterra»*, Salvador (Brasil), The author, 1973. (Tese apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para concurso de Professor Assistente do Departamento de Letras Vernáculas.)
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore, *A novelística portuguesa do século XVI* (Biblioteca Breve, 23, Instituto de Cultura Portuguesa), Lisboa, Ministério de Educação e Cultura/ Secretaria de Estado de Cultura, 1978.
- GAYANGOS, Pascual de, *Del Palmerín de Inglaterra y de su verdadero autor*, Madrid, T. Fornaret, 1862. (Também em Madrid, *Revista Española*, I (1862), 81, 189-99. (*Revista Española*, nº 2 y 3.)
- GOERTZ, W., *Strukturelle und thematische Untersuchungen zum «Palmeirim de Inglaterra»*, Lisboa, R. B. Rosenthal, 1969.
- JESUS, Maria Saraiva de, «O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda: um doutrinal de amor», *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, XV (1998), 73-109.
- LOURENÇO, Eduardo, «Clarimundo: simbologia imperial e saudade», em Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, 119-131.
- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel, *Imprenta y Libros de Caballerías*, Madrid, Ollero & Ramos, 2000.
- «La senda portuguesa de los libros de caballerías castellanos: Segunda Parte de Selva de Cavalarias Famosas» (= «Catálogo descriptivo de libros de caballerías castellanos, XIII»), em *Studia in honorem Germán Orduna* (eds. Leonardo Funes, José Luis Moure), Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2001, 393-413. (Reimpresso em *De los libros de caballerías manuscritos al Quijote*, Colección Trivium, SIAL Ediciones, 2004, 155-172.)
- MARÍN PINA, Mari Carmen, *Edición y estudio del ciclo español de los Palmerines*, Zaragoza, Universidad, 1988. (Tese de doutoramento dirigida pelo Doutor Juan Manuel Cacho Blecua, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Zaragoza, 1988).
- «El ciclo español de los Palmerines», *Voz y Letra*, VII/2 (1996), 3-27.
- MENDES, Manuel Odorico, *Opúsculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor, no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez*, Lisboa, 1860.
- MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino, *Orígenes de la novela*, Madrid, CSIC, 1943, vol. I, 266-466. (Primeira edição de 1905.)
- MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina, «Palmerín de Inglaterra», *Zeitschrift für romanische Philologie*, VI (1882), 37-63 y 217- 255.

- *Versuch über den Ritterroman Palmeirim de Inglaterra*, Halle, Druck von E. Karras, 1883.
- MOISÉS, Massaud, *A novela de cavalaria no Quinhentismo Português*, São Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nº 218, 1957.
- «A novela de cavalaria portuguesa (Acheга bibliográfica)», São Paulo, *Revista de História*, vol. XIV, ano VII, nº 29 (1957), 47-52.
- OSÓRIO, Jorge Alves, «Algumas considerações sobre a *Crónica do Imperador Clarimundo*», *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, Faculdade de Letras (Porto), ns. 13/14, 5 Série (1990).
- «Um género menosprezado: a narrativa de cavalaria do século XVI», *Mãthesis* (Viseu, Universidade Católica Portuguesa), nº 10 (2001), 9-34.
- PAIXÃO, Rosário Santana, *Aventura e identidade. História fingida das origens e fundação de Portugal: «Crónica do Imperador Clarimundo», um livro de cavalarias do quinhentismo peninsular*, Lisboa, Universidade Nova, 1996. (Tese de doutoramento em literatura portuguesa.)
- PEREIRA, Cláudia Maria Ferreira de Sousa, *Um exemplário amoroso para D. Sebastião, o «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, Évora, Universidade de Évora, 2000. (Dissertação de doutoramento em literatura portuguesa.)
- PINHEIRO, Marília Futre, «The Nachleben of the Ancient Novel in Iberian Literature in the sixteenth century», em *The Novel of the Ancient World* (ed. Gareth Schmeling), Leiden-New York-Koeln., E. J. Brill (Mnemosyne: Bibliotheca classica Batava. Supplementum, 159), 1995, 775-799.
- PINTO, Celeste Fernanda Souto, *Ensaio sobre o Palmeirim de Inglaterra*, Coimbra, C. F. S. Pinto, 1949. (Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à FLUC.)
- PURSER, William Edward, *Palmerin of England. Some remarks on this Romance and on the controversy concerning its authorship*, Dublin, Browne and Nolan, Limited, 1904.
- RISCADO, Maria Leonor Crespo Ramos, *A linguagem poética da crónica do Imperador Clarimundo. Texto policopiado da tradição à inovação ou "o discurso da conciliação"*. (Tese de mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.)
- ROUBAUD-BÉNICHOU, Sylvia, «Les fêtes dans les romans de chevalerie espagnols», em *Les fêtes de la Renaissance (III). XVe Colloque international d'Études Humanistes (Tours, juillet, 1972)*, Paris, C.N.R.S., 1975.
- «Juego combinatorio y ficción caballeresca: un episodio del *Palmerín de Inglaterra*», *Nueva Revista de Filología Hispánica (Homenaje a Raimundo Lida)*, XXIV (1978), 178-196.
- *Le roman de chevalerie en Espagne. Entre Arthur et Don Quichotte (Survivances médiévales et renouvellements)*, Paris, Honoré-Champion, 2000, 195-212. (Tese de Estado dirigida por Jean-Claude Chevalier e lida o 9 de janeiro de 1997 na Universidade de Paris-Sorbonne – Paris IV.)
- SANTOS, Maria Helena Duarte, *O mito do herói na «Crónica do Imperador Clarimundo de João de Barros»*. (Tese de Mestrado de Literatura Portuguesa apresentada à FLUCoimbra, 1987.)
- SARMATI, Elisabetta, *Le critiche ai libri di cavalleria del '500 spagnolo (con uno sguardo sul '600). Un'analisi testuale*, Pisa, Giardini, 1996. (Tese de doutoramento, Università di Pisa, 1991.)
- SIMÕES, João Gaspar, *História do romance português*, Lisboa, Estúdios Cor, 1967, vol. I, 40-64.
- *Perspectiva histórica da ficção portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 1987.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana, «Proto-história dos Palmeirins: A corte de Constantinopla do Cligès ao Palmeirim de Oliva», em Stegagno Picchio, Luciana, *A lição do texto. Filologia e Literatura (I- Idade Média)*, Lisboa, Edições 70, 1979, 167-206.
- THOMAS, Henry, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry. The revival of the romance of chivalry in the Spanish Peninsula, and its extension and influence abroad*, Cambridge, 1920. (Existe tradução para o castelhano realizada por Esteban Pujals, *Las novelas de caballerías españolas y portuguesas*, Madrid, CSIC, 1952.)
- VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio, «Notícia de un nuevo libro de caballerías: el *Leomundo de Grecia*, de Tristão Gomes de Castro», *TIRANT* (revista electrónica), nº 6 (2003) (<http://parnaseo.uv.es/Tirant.htm>).
- «Os livros de cavalarias em Castela e Portugal. Um caso particular: a *Selva de Cavalarias Famosas*, de António de Brito da Fonseca», em *Portugal und Spanien. Probleme (k)einer Beziehung* (ed. Teo Ferrer de Mesquita), Frankfurt, 2004. (No prelo.)
- «*Leomundo de Grecia*: hallazgo de un nuevo libro de caballerías português», *Voz y Letra*, XVI/2 (2005), 1-30.
- «Libros de caballerías portuguesas», em *Gran Enciclopedia Cervantina*, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2005. (No prelo.)
- «*Palmerín de Inglaterra*», em *Gran Enciclopedia Cervantina*, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2005. (No prelo.)
- XAVIER, Alberto, *O romance. Alguns aspectos da sua evolução na literatura europeia (séculos XIII a XVI)*, Lisboa, Livraria Ferin Editora, 1934, 45-139.

APÊNDICE I:

LIVROS DE CAVALARIAS MANUSCRITOS PORTUGUESES ⁴⁵

[A] *Vida de Primaleão* (ou *Crónica de dom Duardos* ou *Primaleão*), de Diogo Fernandes? Exemplares: Lisboa, BN: cod/ 483 (B-6-55); cod/ 619 (B-10-6); cod/ 620 (B-10-7); cod/ 658 (B-10-45); cod/ 6828 (U-2-100); cod/ 12904*. Lisboa, Arquivo Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria: cod. 1773.

[B] *Segunda Parte da Crónica do Príncipe dom Duardos* (ou *Duardos D*). Exemplares: Lisboa, BN: cod/ 659 (B-10-46); cod/ 6829 (U-2-101). Lisboa, Arquivo Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria: cod/ 410; cod/ 1201. Vila Viçosa, Biblioteca do Paço Ducal: LXX.

[C] *Terceira Parte da Crónica do Príncipe dom Duardos* (ou *Duardos D*). Exemplares: Lisboa, BN: 6830 (U-2-102). Lisboa, Arquivo Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria: cod/ 1202; cod/ 1773.

[D] *Crónica do Imperador Belindro (História Grega, ou Crónica de D. Belindo)*, de Leonor Coutinho? Exemplares: Lisboa, BN: cod/ 343; cod/ 344; cod/ 345; cod/ 346; cod/ 11010; cod/ 6482 (I, 5, 61); cod/ 8385 (Y, 6, 4); cod/ 8871; cod/ 9807; cod/ 6037 (T, 1, 51); cod/ 9269*; C. J. M. 682*; Arquivo de Tarouca: AT 275. Lisboa, Arquivo Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria: cod/ 1761; cod/ 1762; cod/ 1763; cod/ 1200; cod/ 875; cod/ 877*; cod/ 1918. Lisboa, B. da Academia das Ciências: cod/ 24, série vermelha. Lisboa, Ajuda: 46-VIII-45*. Porto, BPública: cod/ 23; cod/ 42; cod/ 548*; cod/ 1336*. Braga, Arquivo Distrital: Ms. 102*; Ms. 103*; Ms. 104*. Évora, BPública: Gab. E. 5-C. 2 d. N.º 11 (104), 73-8* (fragmento). Vila Viçosa, Biblioteca do Paço Ducal: LXXIV, LXXV, LXXVI, LXXVII; Utrecht*, BUniversitaria: 2 ejs. Washington, Library of Congress: cod/ 124*; cod/ 220*; cod/ 221*. Toledo, Biblioteca del Cigarral del Carmen: (TO. BI. 2-U3). NR. 608*.

[E] *Crónica do Imperador Maximiliano*. Exemplares: Lisboa, BN col. Pombalina: cod/ 490.

[F] *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes (cópia dos século XVIII para a preparação da edição de: Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. [Tomo II: António Gomes], 1786, 3 vols.). Exemplares: Lisboa, BN: cod/ 3339; Vila Viçosa, Biblioteca do Paço Ducal: LXII*.

[G] *Argonáutica da cavalaria* ou *Leomundo de Grécia*, do madeirense Tristão Gomes de Castro. Exemplares: Lisboa, Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria: cod/ 686* (Partes I e II); Évora, Biblioteca Pública: ms. 208* (Parte II).

[H] *História do príncipe Belidor Amphíbio e da princeza Corsina* (4ª parte y fragmentos de la 3ª parte). Anónimo. Exemplares: Évora, Biblioteca Pública: Manizola, cod. 339*.

– Livros de cavalarias manuscritos perdidos

[I] *Crónica do Espantoso e nunca vencido Dracuso, Cavaleiro da Luz* (Duas partes), de Francisco de Moraes Sardinha.

[J] *Aventuras do Gigante Dominiscaldo*, de Álvaro da Silveira.

[K] Um livro de cavalarias perdido, de Fernão Lopes de Castanheda.

[L] *Clarindo de Grécia*, de Tristão Gomes de Castro.

[M] *Vida do Emperador Alberto*. Anónimo.

[N] *Vida do Emperador Siderico*. Anónimo.

[O] *Livro de Cavallarias de dous Cavaleiros Nanferleste, e Bistapor*, de Fernão Telles de Menezes.

[P] *Segunda Parte do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

– Dois casos especiais

1. Tradução de livros de cavalarias castelhanos para o português

[Q] *Crónica do Príncipe Agesilau e da Rainha Sidónia*. Exemplares: Coimbra, BUniversitária: cod/ 123. Em realidade trata-se de uma tradução para o português da *Tercera parte de Florisel de Niquea*, de Feliciano de Silva (Sevilla, taller de Juan Cromberger, 1546). Em breve publicaremos uma notícia sobre a importância deste manuscrito.

2. Livros de cavalarias castelhanos escritos por autores portugueses

[R] *Selva de Cavalarias Famosas*, de António de Brito da Fonseca Lusitano (em castelhano, mas cheio de lusismos). Exemplares: Lisboa, BN: Livros I-II: Cod/ 11255; Livro III: Cod/ 615.

⁴⁵ Com um asterisco assinalamos aqueles manuscritos que dimos à luz nas nossas últimas investigações.

APÊNDICE II:

EDIÇÕES DOS LIVROS DE CAVALARIAS CASTELHANOS E PORTUGUESES IMPRESSOS EM PORTUGAL

Entre parênteses quadrados figuram as edições hipotéticas das que se tem notícia em distintos repertórios bibliográficos. No final desta listagem incluem-se as três edições do *Quijote* em terras lisboetas.

1522: *Prymeira parte da crónica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*, de João de Barros (Lisboa, Germão Galharde, 1522).

[1528]: *Clarián de Landanis* (parte I, I livro), de Gabriel Velázquez de Castillo. [Lisboa, 1528]. Citada por Clemencín (Clemencín, 1805, 13)

[1528]: *Clarián de Landanis* (o *Lidamán de Ganail* o IV parte de *Clarián de Landanis*), de Jerónimo López. [Lisboa, 1528]. Figura no catálogo de Colón [Askins, 1992, 95]. Também a citam Lenglet-Du Fresnoy (1734, II, 203), e houve um exemplar na biblioteca do cardeal Dubois (G. Brunet, *Fantaisies bibliographiques*, 1864 (reimpr. Ginebra: Slatkine, 1970, 15).

1545: *Florando de Inglaterra* (Lisboa, Germão Galharde, 1545, 20 de fevereiro), partes I-II.

1545: *Florando de Inglaterra* (Lisboa, Germão Galharde, 1545, 20 de abril), parte III.

[1549]: *Taurismundo. Primera parte de la Chronica de Taurismundo hijo de Solismundo Emperador de Grecia*. P. por Diego de Cibdad (Lisboa, Diego de Cibdad, 1549).

[h. 1550]: *Florisel de Niquea* (XI) (*Rogel de Grecia* (III y IV de *Florisel de Niquea*), de Feliciano de Silva. (Évora, herdeiros de André Burgos, s. a., h. 1550).

[1554]: *Livro primeyro da primeyra parte dos Triunfos de Sagramor Rey de Inglaterra e França, em que se tratam os maravilhosos feitos dos cavaleiros da Segunda Tavola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Coimbra, João Álvarez, 1554).

1555: *Clarimundo* (e não 1553), de João de Barros (Lisboa, António Álvarez, 1555).

1566: *Primaleón* (II), de ¿Francisco Vázquez? (Lisboa, Manuel Joan, 1566), «vêndese en casa de Francisco Grafeo y de Francisco Fernández, librerros».

1566: *Florisel de Niquea* (Partes I-II. X livro amadisiano), de Feliciano de Silva (Lisboa, Marcos Borges, 1566, 20 de abril).

1564-67: *Cronica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim Dinglaterra* (Évora, André de Burgos, 1564-67).

1567: *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Coimbra, João de Barreira, 1567).

1581: *Palmerín de Olívia* (I), de ¿Francisco Vázquez? (Medina del Campo (realmente Évora, [Cristóbal de Burgos], 1581). Vid. Eisenberg – Pina, [1884]: «El artículo de Leal especifica la fecha de 1581 para la edición contrahecha. Se desconoce, sin embargo, si ésta se identifica con la edición de Medina del Campo, 1562. No se sabe que haya sobrevivido ningún otro ejemplo potencial de las mil copias de la edición falsificada (cien de ellas fueron adquiridas por un librero de Lisboa; las otras vendidas “para Castela”». [Leal, *Palmerín de Olívia*, 1962, 133].

1586: *Rosián de Castilla*, de Joaquín Romero de Cepeda (Lisboa, Marcos Borges, 1586). (Trata-se, em realidade, de uma crónica cavaleiresca.)

1587: *Terceira parte da Chrónica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes cavallerias del seu fillo o Príncipe don Duardos Segundo y Quarta parte da Chrónica de Palmeirim de Inglaterra*, de Diogo Fernandes (Lisboa, Marcos Borges, 1587, a custa de Afonso Fernandes, libreiro, & de Vasco de Sylva, mercador).

1587: *Lisuarte de Grecia* (VII), de Feliciano de Silva (Lisboa, Afonso López, 1587, finais de outubro).

1592: *Chronica do famoso e muyto esforçado Cavaleyro Palmeyrim de Inglaterra... Agora nouamente impressa...Primeira [y Segunda] Parte*, de Francisco de Moraes (Lisboa, António Alvares, 1592).

1596: *Amadís de Grecia*, (IX livro de *Amadís*), de Feliciano de Silva (Lisboa, Simão López, 1596).

1598: *Primaleón* (II), de ¿Francisco Vázquez? (Lisboa, Simão López, 1598). Edição censurada segundo os preliminares.

1601: *Clarimundo* (Lisboa, António Álvarez, a custa de André Lopes e outra a custa de Hierónimo Lopes, 1601).

1602: *Quinta e Sexta parte de Palmeirim de Inglaterra mais Chrónica do famoso príncipe Dom Clarisol de Bretanha, fillo do príncipe dom Duardos de Bretanha*, de Baltasar Gonçalves Lobato (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602) (no final da sexta parte: Lisboa. Antonio Álvarez, 1602).

1604: *Terceira parte da Chrónica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes cavallerias del seu fillo o Príncipe don Duardos Segundo y Quarta parte da Chrónica de Palmeirim de Inglaterra*, de Diogo Fernandes (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1604).

1605: *Quijote* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605).

1605: *Quijote* (Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1605).

1617: *Quijote* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1617).